



SEÇÃO: ARTIGO

## Era uma vez um conto: permanências e rupturas dos contos clássicos na escola

*Once upon a time there was a tale: permanences and ruptures of classic tales in school*

**Daiana da Rocha Reis<sup>1</sup>**

[orcid.org/0000-0001-7713-5593](https://orcid.org/0000-0001-7713-5593)  
[daianaroocha@gmail.com](mailto:daianaroocha@gmail.com)

**Vivianny Bessão de**

**Assis<sup>2</sup>**

[orcid.org/0000-0003-3146-0627](https://orcid.org/0000-0003-3146-0627)  
[viviannybessao@gmail.com](mailto:viviannybessao@gmail.com)

**Recebido em:** 13/05/2019.

**Aprovado em:** 03/11/2020.

**Publicado em:** 26/06/2021.

**Resumo:** A presente pesquisa, apresentada neste artigo, teve como objetivo identificar em que medida os contos clássicos da literatura infantil universal ainda circulam nas bibliotecas escolares, após a implantação do Plano Nacional Biblioteca nas Escolas (PNBE), e como essas histórias têm repercutido na contemporaneidade, em relação aos pequenos leitores. O eixo metodológico do estudo foi constituído a partir de uma análise bibliográfica, de natureza qualitativa e descritiva, e também de uma pesquisa de campo, feita com uma funcionária que atua como bibliotecária e alunos do 3º ano do Ensino Fundamental, em uma escola situada na região sul do estado de Mato Grosso do Sul. Os dados foram analisados com bases teóricas da literatura especializada na temática, e os resultados obtidos apontam que há um grande interesse das crianças por essas histórias, porém, os filmes que se remetem a tais narrativas têm chamado mais atenção dos leitores do que os livros em si. Em relação aos contos clássicos, é possível notar que, com as mudanças do mercado editorial e implantação do PNBE, as escolas receberam apenas releituras dessas obras, indicando uma tendência de esquecimento do conto clássico, no que se refere à publicação em formato de livro.

**Palavras-chave:** Contos de fadas. Biblioteca escolar. Literatura infantil. PNBE.

**Abstract:** This study aimed to identify the extent to which the classic tales of universal children's literature still circulate in school libraries after the implantation of the National Library in Schools (PNBE), and how these stories have had repercussions in contemporaneity in relation to small readers. The methodological axis of the study was constituted from a bibliographical research of qualitative and descriptive nature and also of a field research done with a civil servant who acts as librarian and students of the 3rd. year of elementary school in a school located in the southern region of the state of Mato Grosso do Sul. The data were analyzed with theoretical bases of the literature specialized in the subject and the results obtained indicate that there is a great interest of the children by these stories, however the films which refer to them have drawn more attention from readers than the books themselves. In relation to the classical tales, it is possible to notice that with the changes in the publishing market and implantation of the PNBE, the schools received only re-readings of these works, indicating a trend of forgetting the classic story in what concerns its publication in book format.

**Keywords:** Fairy tales. School library. Children's literature. PNBE.

### Introdução

De acordo com Burlamaque e Rosing (2016), é da literatura oriental que temos os primeiros registros escritos. Essas narrativas sofreram várias transformações ao chegarem à Europa, principalmente ao longo da Idade Média, estabelecendo forte tradição oral por volta do século XVI.



Artigo está licenciado sob forma de uma licença  
Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.

<sup>1</sup> Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Navirai, MS, Brasil.

<sup>2</sup> Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Navirai, MS, Brasil.

No período medieval, a literatura era proibida ao povo, somente o Clero<sup>3</sup> tinha acesso aos textos, pois eram considerados profanos por trazerem a fantasia como conteúdo.

Os livros desse período não atendiam às necessidades das crianças, pois, somente entre os séculos XVII e XVIII, quando se estabeleceu um sentimento de infância, os mais jovens começaram a ser vistos de modo diferente do adulto. Foi, então, que surgiram livros direcionados a esse público, escritos, em maioria, por professores (SCHARF, 2000). Até o século XVII, as histórias não eram destinadas ao público infantil, mas, sim, narradas por pessoas de qualquer idade, visto que relacionavam-se a uma tradição narrativa, que fluía especialmente através da fala das mulheres camponesas, que reproduziam histórias retiradas do folclore, as quais, muitas vezes, expressavam inconformidade com os valores feudais. (HILLESHEIM; GUARESCHI, 2006).

Charles Perrault<sup>4</sup>, ao transcrever uma produção que, até aquele momento, circulava apenas de forma oral, foi responsável pelo primeiro impulso da literatura infantil. Com a publicação de *A pele de asno*, em 1696, Perrault iniciou as produções literárias voltadas para a infância. Esses contos populares visavam entreter crianças e orientar a formação moral (HILLESHEIM; GUARESCHI, 2006).

Em 1697, Perrault teve publicado *Contos da Mamãe Gansa*, cujo título original era *Histórias ou narrativas do tempo passado com moralidades*. O livro trazia as Clássicas histórias de *A Bela Adormecida*, *Chapeuzinho Vermelho*, *Barba Azul*, *O Pequeno Polegar*, *As fadas*, *Riquet o Topetudo* e *O Gato de Botas*. Ao levar para o universo literário os contos populares, Perrault transformou histórias, que até então eram vistas como vulgares, trazendo-as para o centro de uma cultura que pretendia socializar e educar as crianças. (HILLESHEIM; GUARESCHI, 2006).

Ao final de cada conto, o escritor acrescentava uma lição moral, que atualmente é característica do gênero fábula. No prefácio de *Contos da Ma-*

*mãe Gansa*, o autor relata que os contos pretendem conter uma moralidade notável e instrutiva, salientando que a virtude é algo deleitável, ao contrário dos vícios que gerariam apenas punições, estabelecendo que uma vida boa era o reflexo da obediência (HILLESHEIM; GUARESCHI, 2006).

Em *Chapeuzinho vermelho*, de Perrault, por exemplo, a personagem principal é uma menina, que segue pela floresta com o intuito de levar doces para a avó e é surpreendida por um lobo, que, posteriormente, a devora. Na versão de Perrault é apresentada a seguinte lição de moral:

Vemos aqui que as meninas, e sobretudo as mocinhas lindas, elegantes e finas, não devem a qualquer um escutar. E se o fazem, não é surpresa que do lobo virem jantar. Falo 'do' lobo, pois nem todos eles são de fato equiparáveis. Alguns são muito amáveis, serenos, sem fel nem irritação. Esses doces lobos, com toda educação, acompanham as jovens senhoritas pelos becos afora e além do portão. Mas ai! Esses lobos gentis e prestimosos, são, entre todos, os mais perigosos. (PERRAULT, 2004, p. 338).

Atualmente, os contos de fada são caracterizados como histórias fictícias, que apresentam magia e encantamento, bem como personagens do folclore, como anões, dragões, fadas, animais falantes, gigantes, gnomos, sereias, unicórnios e bruxas, e, geralmente, terminam com um final feliz. Diferente da primeira publicação, algumas histórias não possuem mais uma moral e muitas delas sofreram mudanças extremas. Além disso, com o avanço da tecnologia, muitos contos passaram a ser exibidos em formato de filme.

Segundo Lajolo e Zilbermam (1984), a chegada dessa literatura no Brasil ocorreu somente no fim do século XIX, vinda de Portugal. No nosso país, a literatura infantil nacional ganhou força e reconhecimento com o escritor Monteiro Lobato, quando teve publicado o livro *Narizinho Arrebitado* (1921). Na história, o autor evidencia as personagens Emilia, uma boneca de pano, e Narizinho, uma menina de, aproximadamente, dez anos, personagem principal da história. As produções de Lobato dão início a uma "[...] nova

<sup>3</sup> Conjunto de Sacerdotes da Igreja Católica Apostólica Romana.

<sup>4</sup> Charles Perrault foi escritor francês de destaque no cenário intelectual, pioneiro na construção de contos de fadas, nasceu no ano de 1628, em Paris. Dentre tantos trabalhos desenvolvidos, ganhou notoriedade no mundo literário com as obras: *Contos da mamãe gansa*, publicada em 1697, e *Histórias ou contos de outrora*, publicada em 1697 (SOUZA, 2015).

modalidade de expressão Literária no país" (LA-JOLO; ZIBERMAN, 1984, p. 46), principalmente por atribuir às crianças papéis fulcrais na trama.

Com a implantação do Programa Nacional Biblioteca na Escola (PNBE), em 1997, houve uma grande expansão da literatura infantil no Brasil, pois o acesso a essas obras foi viabilizado pela escola com maior facilidade. Com a criação desse programa, iniciou-se um novo incentivo à leitura nas escolas brasileiras, visto que o principal objetivo do foi "[...] facilitar o acesso às fontes de informação, bem como motivar o gosto pela leitura contribuindo para a formação de alunos e professores leitores". (FERNANDES; CORDEIRO, 2012, p. 320). O PNBE teve tanta repercussão que no ano seguinte a sua criação já atendia cerca de 20 mil escolas públicas de Ensino Fundamental, que receberam 4,2 milhões de obras (FERNANDES; CORDEIRO, 2012).

Após a implantação do PNBE, a literatura infantil passou a circular com mais fluência; além disso, muitos dos livros escolhidos pelo programa, incluindo releituras dos contos clássicos, estão envolvidos em vertentes de inclusão e diversidade, favorecendo o interesse entre diferentes leitores (BRASIL, 1997).

Considerando esse programa e a herança dos contos clássicos, deixada por Perrault, e outros escritores que foram amplamente traduzidos no Brasil, o presente estudo teve como objetivo investigar se, após a implantação do PNBE, os alunos do Ensino Fundamental têm tido acesso aos contos clássicos da literatura infantil universal, ou se os outros títulos do acervo vêm preenchendo o universo de leitura nessa fase da infância. Esse volume de livros chegando às escolas nos motivou a buscar respostas para as seguintes perguntas: os contos de fadas ainda compõem o acervo de livros literários das escolas? As crianças do século XXI estão tendo contato com essa literatura clássica?

Partindo dessas indagações, investigamos o acervo literário de uma escola da região sul do estado de Mato Grosso do Sul (MS), buscando verificar se os contos de fadas são procurados por

professores e alunos, bem como se as crianças, matriculadas em uma turma de 3º ano do Ensino Fundamental, estão tendo contato com essas obras. A escolha por crianças nessa faixa etária escolar justifica-se por estarem em processo de consolidação da alfabetização e do letramento, obtendo, assim, condições de compartilhar práticas de leitura e de falar sobre tal evento.

O tema desta pesquisa surgiu, também, a partir da leitura do livro *A Psicanálise dos Contos de Fadas*, de Bruno Bettelheim (2007), durante as reuniões de estudo da linha "História da Educação, Memória e Literatura Infantil", do Grupo de Estudos e Pesquisas em Práticas Educativas e Tecnologia Educacional (GEPPETE)<sup>5</sup>, por meio do qual foi possível perceber o quanto as histórias despertam a imaginação e a criatividade das crianças, fazendo com que situações ficcionais contidas no livro sejam associadas à realidade em que vivem e contribua para a compressão do mundo e o desenvolvimento da criatividade. Os contos de fadas são capazes de ajudar a superar problemas cotidianos enfrentados, influenciando diretamente na construção de conceitos e atitudes.

O objetivo deste trabalho não é o de "defender" a leitura dos contos clássicos como a melhor leitura na infância, mas iniciar um mapeamento a respeito desses títulos, em escolas públicas municipais no estado de Mato Grosso do Sul, bem como compreender aspectos do acesso à leitura e recepção desse gênero textual na escola, pela consciência que temos de que representam a gênese do gênero "literatura infantil".

Trata-se, portanto, de uma pesquisa qualitativa, de natureza descritiva, que teve o intuito de conhecer os títulos presentes no acervo de uma escola no interior do Mato Grosso do Sul (MS) e compreender a relação dos alunos com os contos clássicos da literatura infantil universal.

Dessa forma, este artigo encontra-se organizado em: apresentação da fundamentação teórica, para melhor entender a temática da literatura infantil e dos contos de fada no Brasil; descrição da meto-

<sup>5</sup> O grupo GEPPETE foi criado pela Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup>. Celia Regina de Carvalho, tendo como objetivo geral promover palestras que abordem os resultados de estudos e pesquisas desenvolvidas pelo grupo, por meio de três linhas de pesquisa: "Leitura, escrita e literatura", coordenada pela Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup>. Roseli Maria Rosa de Almeida; "História da Educação, Memória e Literatura Infantil", coordenada pela Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup>. Vivianny Bessão de Assis; "História da Educação Infantil, práticas educativas e formação docente", coordenada pela Profa. Dra. Larissa Weiss Train Montiel.

dologia utilizada para realizar a investigação, com explicações sobre o tipo de pesquisa, o instrumento utilizado para a coleta de dados e participantes da pesquisa de campo; exposição dos resultados e discussão fundamentadas em autores que investigam sobre a temática; apresentação das considerações finais e referências utilizadas para a elaboração deste trabalho de pesquisa.

### 1. Por que ler os contos de fada?

Vivemos em busca de significados para nossa existência, e essa é a principal necessidade do ser humano, “[...] encontrar um significado para a própria vida” (BETTELHEIM, 2007, p. 9). De acordo com Bettelheim (2007), a literatura infantil é “[...] um grande aliado na construção de significados e da personalidade da criança”, principalmente os contos de fada, pois “[...] levam a criança à construção de sua identidade, caráter e vocação” (2007, p. 34). Por meio do imaginário, os contos abordam fatos da realidade da criança e as direcionam a possíveis soluções.

O mundo imaginário é uma representação da vida real do leitor, colocada de uma forma menos dura e atrativa a ponto de chamar a atenção da criança e estimular a imaginação. Gouveia (2007) destaca o papel fundamental da imaginação na formação de uma pessoa e reclama do fato de a escola não colaborar com o desenvolvimento desse aspecto.

A imaginação permite-nos desenvolver o pensamento criativo, fundamental para nossa inserção no mundo. Contudo, a escola pouco valoriza e trabalha a imaginação, como se ela fosse apenas resultado de uma racionalidade pouco desenvolvida na criança, como se, ao longo do processo de desenvolvimento, a imaginação fosse substituída pela razão, característica do pensamento adulto. (GOUVEIA, 2007, p. 125).

Os contos de fada, portanto, podem exercer grande influência na vida da criança e cooperar com o desenvolvimento do aspecto criativo, por conta da estreita relação com a imaginação. Por isso, é necessário que esses livros façam parte do cotidiano desde a infância. Paiva e Oliveira (2010) dizem que a Literatura Infantil, de modo geral, pode ser compreendida como uma arte subjetiva pronta para ser apreciada.

A literatura infantil é arte. E como arte deve ser apreciada e corresponder plenamente à intimidade da criança. A criança tem um apetite voraz pelo belo e encontra na literatura infantil o alimento adequado para os anseios da psique infantil. Alimento, esse, que traduz os movimentos interiores e sacia os próprios interesses da criança. (PAIVA; OLIVEIRA, 2010, p. 24).

Para esses autores, o livro literário não é como tantos supõem, um passa tempo, mas é uma nutrição humana. Nesse sentido, entende-se que “[...] uma literatura mais do que simples divertimento, é fecundo instrumento de formação humana, ética, estética, política, etc.” (SOARES, 2011, p. 19). Contribui para formar e transformar a maneira de pensar e agir de uma criança. Portanto, um texto literário precisa ser apreciado livremente, deixando que o próprio leitor atribua os significados que lhe façam sentido.

De acordo com Frantz (2001, p. 29) “[...] a literatura infantil é também ludismo, é fantasia, é questionamento, e dessa forma consegue ajudar a encontrar respostas para as inúmeras indagações do mundo infantil, enriquecendo no leitor a capacidade de percepção das coisas”.

No Brasil, sempre que pensamos em literatura infantil, a associamos à escola, pois é nesse lugar que geralmente se tem o primeiro ou até o único contato com os livros literários. Nesse sentido, Lajolo (1993) define a Literatura e explica a importância desse instrumento no currículo escolar.

É a literatura, como linguagem e como instituição, que se confiam os diferentes imaginários, as diferentes sensibilidades, valores e comportamentos através dos quais uma sociedade expressa e discute, simbolicamente, seus impasses, seus desejos, suas utopias. Por isso a literatura é importante no currículo escolar: o cidadão, para exercer plenamente sua cidadania, precisa aposar-se da linguagem literária, alfabetizar-se nela, torna-se seu usuário competente, mesmo que nunca vá escrever um livro: mas porque precisa ler muitos (LAJOLO, 1993, p. 106).

Mas por que trabalhar contos de fadas na escola? De acordo com Hillesheim e Guareschi (2006), a palavra conto

[...] origina-se do latim, sendo que seu significado remete a duas dimensões: por um lado, à oralidade e, por outro, à ficcionalidade, isto é, trata-se de um relato que não tem compromisso com a realidade, utilizando-se do maravilhoso

com a função de entreter e possibilitar a verbalização das dificuldades humanas (HILLESHEIM; GUARESCHI, 2006, p. 109).

Esse gênero é apresentado por meio de linguagens ou imagens simbólicas e proporciona à criança a compreensão de significados profundos, que se ocultam na alma humana. De acordo com Santos:

[a] magia dos contos de fadas está em mostrar à criança a ponte que liga realidade e fantasia, e isso acontece através dos símbolos, comparações que colocam a criança frente a frente com seus problemas diários, suas dificuldades e medos. Os espaços físicos escritos nos contos são formas de descrever o inconsciente reprimido do ser pueril, e fazê-los pensar nas diversas possibilidades de alcançar a vitória. (2012, p. 28).

Para Bettelheim (2007), os contos de fadas têm um poder transformador, que faz com que, por meio do imaginário, o público infantil se identifique com algumas situações do próprio cotidiano, ajudando-o a resolver conflitos da vida privada. Com base nessa afirmativa, buscamos compreender como e se esses livros têm circulado entre as crianças na escola, se estão esquecidos nas prateleiras das bibliotecas ou se têm chegado a esse público privilegiado de consumidores.

De acordo com Alves, Espíndola e Massuia (2011), é importante trabalhar com as novas gerações as narrativas dos contos de fada, e fazê-los reconhecer que essas histórias são clássicas, pois surgiram de uma tradição oral, antes até que a escrita, e foram passando de geração em geração como forma de entretenimento.

Podemos definir um conto como uma narrativa, cujo enredo desenvolve-se dentro da magia, com reis, rainhas, príncipes, princesas, fadas, gênios, bruxas, gigantes, anões, objetos mágicos, metamorfoses, etc, em momentos e lugares fora da realidade conhecida e têm, como eixo gerador, uma problemática existencial (REIS, 2014). De acordo com Reis (2014), nos contos de fada, o tempo nem sempre pode ser definido, nem mesmo o lugar, pois são fantasiosos e imaginários, muitos revelam ambientes jamais possíveis de existir, e pela carga imaginativa as crianças se incorporam a qualquer cultura. (REIS, 2014).

Em relação aos personagens, os contos têm

como característica a presença de heróis e heroínas, que perpassam grandes desafios e, no final, triunfam sobre o mal. Propp (2006, *apud* Reis, 2014) destaca que existem sete papéis principais que sempre se repetem nessas histórias: o antagonista, mal feitor; o provedor, que prepara a transmissão do objeto mágico; o auxiliar, que faz a reparação do maléfico e traz o socorro; a princesa e o pai dela, que precisam reconhecer o herói para que, no fim, a princesa se case com ele; o mandante, que envia o herói; o herói, que busca pela princesa; o falso herói, que se apresenta com pretensões mentirosas.

Outra observação feita por Reis (2014) é que os contos evidenciam a figura da mulher sempre com as mesmas características: belas, frágeis, puras, sofredoras e inocentes. Com isso, essas histórias reforçam a imagem da mulher ocidental que espera pelo príncipe que irá salvá-la, uma mulher geralmente dependente e com personalidade passiva diante das dificuldades. Devido a essas características de época, muitos contos têm passado por releituras, tanto nas obras literárias como no cinema.

Os novos filmes da *Walt Disney Company* e outras companhias de cinema trazem princesas com personalidades muito diferentes, como, por exemplo, a personagem Fiona, do filme *Shrek*, criado pela *DreamWorks Animation*, em 2001, cuja personagem escapa sozinha da torre onde aguardava pelo príncipe. O filme *A princesa e o sapo*, produzido pela *Walt Disney Company* e estreado em 2009, apresenta a personagem Tiana, de origem humilde, que trabalha arduamente para conquistar o sonho de abrir um restaurante. E, ainda, a personagem Moana, do filme *Moana: um mar de aventuras*, também produzido pela *Walt Disney Company*, em 2016, que se aventura em navegar além dos recifes para salvar seu povo e a cultura de seus antepassados, que construíam barcos à vela.

Considerando as relações entre o passado e o presente dos contos de fada na atualidade, na sequência, descrevemos a metodologia desta pesquisa e os instrumentos para a coleta de dados.

## 2. Procedimentos metodológicos

O presente estudo desenvolveu-se por meio de uma pesquisa qualitativa, de natureza des-

critiva, e teve como objetivos: verificar o número de livros literários presentes no acervo da escola investigada; a quantidade de títulos conhecidos pelos alunos; a qualidade literária do acervo.

De acordo com Gil (2002), a pesquisa qualitativa desenvolve-se por um

[...] procedimento racional e sistemático que tem como objetivo proporcionar respostas aos problemas que são propostos. A pesquisa é requerida quando não se dispõe de informação suficiente para responder ao problema, ou então quando a informação disponível se encontra em tal estado de desordem que não possa ser adequadamente relacionada ao problema. (GIL, 2002, p. 17).

Silveira e Córdova (2009, p. 31) salientam que a pesquisa científica “[...] possibilita uma aproximação e um entendimento da realidade a investigar”, portanto, “[...] é um processo permanentemente inacabado”. A pesquisa qualitativa também

[...] não se preocupa com representatividade numérica, mas, sim, com o aprofundamento da compreensão de um grupo social, de uma organização, etc. Os pesquisadores que adotam a abordagem qualitativa opõem-se ao pressuposto que defende um modelo único de pesquisa para todas as ciências, já que as ciências sociais têm sua especificidade, o que pressupõe uma metodologia própria. (GOLDENBERG, 1997, *apud* SILVEIRA; CORDOVA, 2009, p. 31).

Para obtenção dos dados, foi desenvolvida uma pesquisa de campo, cujo a primeira etapa foi localizar uma escola que dispunha de uma biblioteca ou espaço adaptado para tal atividade. Além disso, precisava ter uma pessoa responsável pela biblioteca, que conhecesse os títulos presentes no espaço escolar. Com isso, localizamos duas possíveis escolas para realização da pesquisa e, após uma conversa informal com os coordenadores, decidimos pela que atendia a esses requisitos.

Após definirmos o lugar de investigação, a fase seguinte foi consultar a funcionária, que atua como bibliotecária, sobre os livros e materiais presentes na instituição. Para isso, agendamos uma tarde para uma conversa informal e entregamos um questionário contendo oito questões sobre a organização da biblioteca, que visou compreender a quantidade de material existente e a forma

com que os livros chegavam até as crianças. Além disso, coletamos alguns contos clássicos do acervo para serem analisados.

Ademais, aplicamos questionários a uma turma de 3º ano do Ensino Fundamental, buscando conhecer se as crianças tiveram contato com contos de fadas e de que forma os conheceram.

### 3. Caracterização dos colaboradores da pesquisa

Atualmente o município investigado conta com seis escolas municipais e cinco estaduais, totalizando onze escolas públicas. A investigada recebeu o nome de Aquarela<sup>6</sup>, tem uma funcionária do setor administrativo efetiva que atua como bibliotecária, garantindo uma melhor organização do espaço, e possui um acervo maior, se comparado a outras escolas do município.

O roteiro elaborado foi de um questionário, que apresentava quatro questões fechadas, de múltipla escolha, para os alunos, e um questionário semiestruturado contendo oito questões abertas e fechadas para a funcionária que atua como bibliotecária, a fim de conseguir informações mais precisas dos participantes sobre a leitura desse gênero específico na escola.

Tivemos 18 alunos participando desta pesquisa, denominados de Aluno 1, Aluno 2, Aluno 3, assim, sucessivamente. A partir do questionário aplicado, foi possível identificar que têm idades que variam entre nove e 11 anos. A funcionária que atua como bibliotecária tem 47 anos e será denominada como tal, preservando a identidade dos participantes e cumprindo, assim, os princípios éticos da pesquisa.

### 4. Resultados e discussão

Os resultados serão apresentados e discutidos a partir das seguintes categorias de análise: visão da funcionária que atua como bibliotecária sobre acervo escola e sobre a leitura dos contos clássicos pela comunidade escolar; breve análise dos títulos localizados no acervo da escola; por fim, o resultado do questionário dos alunos do 3º ano do Ensino Fundamental.

<sup>6</sup> O nome da escola é fictício, visando manter o sigilo dos dados coletados na pesquisa.



## 5. Os contos de fadas e a biblioteca escolar: circulação e acesso à leitura

Conforme mencionado, a funcionária que atua como bibliotecária tem 47 anos de idade e trabalha há 21 anos na escola investigada, dos quais, 15 anos são dedicados à biblioteca. Procuramos saber quais tipos de livros existiam no local e nos deparamos com um acervo variado: livro didático, dicionários, livros de Literatura Infantil, livros de literatura juvenil, livros teóricos para os professores, enciclopédias, fotografias, mapas, material didático, três computadores e material de consumo, como, por exemplo, cartolina, cola, EVA, tinta, dentre outros.

O espaço disponível para o funcionamento da biblioteca é uma sala adaptada, composta por uma variedade de materiais utilizados na escola. Portanto, não é um ambiente exclusivo para a leitura. De acordo com Corrêa (2002), podemos definir biblioteca como:

[...] um sistema no qual se encontram acessíveis as fontes de informação, onde estão armazenadas os registros do pensamento humano dos diferentes séculos, devendo esta atender à alunos, professores e aos demais, que se fazem presentes no contexto escolar. (CORRÊA, 2002, p. 110).

Pereira, Frazão e Santos (2012) ressaltam a importância do bom uso da biblioteca nas escolas, que, muitas vezes, armazenam tantos materiais que perde o caráter de um ambiente de leitura.

A biblioteca escolar é considerada uma das forças dentro da escola e junto com o professor pode intensificar o poder de requerimento do conhecimento por parte dos alunos. Desta forma a biblioteca escolar tem participação ativa no processo de formação dos estudantes. Porém para isso é indispensável que os profissionais vejam a biblioteca como elemento integrador e imprescindível ao ambiente escolar e desenvolvimento infantil e juvenil. (PEREIRA; FRAZÃO; SANTOS, 2012, p. 9).

A funcionária descreveu vários gêneros textuais que predominam na biblioteca, mas não especificou qual deles ocupa maior volume no acervo. Em uma das visitas à escola, percebemos que o espaço armazenava uma maior quantidade de livros didáticos do que de qualquer outro gênero. Em relação à quantidade de exemplares existentes, a

informante respondeu que há mais de 10 mil títulos, dentre eles os contos clássicos de literatura infantil.

Entre os títulos mais procurados por professores e alunos estão: "*Gibis, livros de literatura Infanto-Juvenil com histórias de terror*". (Funcionária que atua como Bibliotecária, 2018). A partir dos dados apresentados, podemos perceber que existem contos de fadas à disposição dos alunos, porém, se interessam mais por gibis e outros títulos da literatura infanto-juvenil.

Procuramos saber se, na opinião da funcionária, as crianças estavam tendo contato com os contos de fadas, e a resposta foi a seguinte: "Sim, porque os professores possuem o hábito da contação de histórias desde os primeiros anos nas séries iniciais" (Funcionária que atua como bibliotecária, 2018). Nessa resposta, ela ressalta o bom hábito dos professores iniciarem a aula sempre com uma história que, na maioria das vezes, vem ao encontro de alguma dificuldade da turma. Por exemplo, quando a professora percebe que algum aluno vem sofrendo *bullying* dos colegas, então, propõe uma leitura voltada a essa temática, a fim de que os reflitam sobre isso.

Nesse sentido, também perguntamos se a informante percebia o incentivo dos professores em relação a esses livros, sua resposta foi: "Sim! Mas como sabe, os alunos só tem essas referências na escola, pois é raro os pais comprarem esses clássicos, pois, na maioria das vezes, os mesmos não têm condições". (Funcionária que atua como bibliotecária, 2018).

Na percepção da funcionária, os alunos têm incentivo dos professores para ler, prova disso seria o hábito da contação de histórias nos anos iniciais. Vale ressaltar que, no dia em que foi aplicado o questionário na sala de aula, a professora regente tinha em mãos a leitura que faria naquele dia e, segundo ela, aulas são sempre iniciadas com uma história, mas não necessariamente um conto de fadas.

Buscamos saber sobre a frequência com que as crianças tinham contato com os livros da biblioteca. A bibliotecária respondeu que os alunos do 1º ao 3º ano do Ensino Fundamental não visitam o espaço, pois, geralmente, a professora se encarrega de coletar os livros e levar para a

sala de aula. Somente a partir do 4º ano os alunos visitam a biblioteca livremente, para escolher um livro de acordo com os projetos de leitura que são desenvolvidos na escola.

Acompanhadas pela coordenadora, fomos até o armário onde ficam guardados os livros que os professores costumam levar para a sala de aula. Para nossa surpresa, os clássicos predominavam dentre os livros literários, havia quatro coleções de contos clássicos. Foi possível perceber que essas obras ficam disponíveis para os professores e não há nenhum controle em relação à utilização, desde que sejam utilizados dentro da escola, pois para emprestá-los é necessário comunicar a direção da escola, que estabelecerá um prazo para a devolução.

## 6. As coleções de contos localizados na biblioteca escolar

Na visita à escola, localizamos quatro coleções na biblioteca. Para proceder com a análise e observar as diferenças entre, selecionamos um mesmo conto: *A Cinderela*. O exemplar da primeira coleção localizada não possuía data, porém, pelo estado de conservação desse livro e dos demais dessa coleção, presumimos que é a mais antiga da escola.

Publicado pela editora Brasileitura (SP), foi escrito por Cristiana Marques<sup>7</sup> e revisado por Cristina Klein. O livro tem oito páginas, e as imagens não são muito atrativas. Em relação ao enredo, todos os fatos estão interligados, tem coerência e possui os principais aspectos que caracterizam a história, porém é contada de forma aligeirada. O livro não entra em detalhes de como ocorreram os fatos, simplesmente conta o que aconteceu de forma rápida, por meio de um narrador onisciente que narra a história em terceira pessoa. Essa é a única coleção em que as histórias foram escritas em letra cursiva. Exibe, também, uma linguagem popular e de fácil entendimento para as crianças.

**Figura 1** – Capa e contracapa do conto *Cinderela*, publicado pela editora Brasileitura (SP), sem data



**Fonte:** Acervo da escola.

A segunda coleção encontrada possui exemplares mais conservados, porém ainda sem a data de publicação. Também pertence à editora Brasileitura (SP), foi escrita por Cristiana Marques, mesma autora da anterior e foi revisada por Helena Cristina Lobke.

<sup>7</sup> Cristiana Marques, natural de São Paulo, veio da capital paulista para Blumenau em 1988. Atua no mercado editorial há mais de 25 anos, como escritora, empresária do ramo editorial, empreendedora social, e presidente do Instituto Evoluir, criou os projetos Troque Lixo por Livro, Livro Livre e Futuro Empreendedor. Autora de mais de 200 livros infantis e juvenis e também escreveu livros devocionais para adultos. Disponível em: < <http://cristinamarquesescritora.blogspot.com/>>. Acesso em: 15 jun. 2018



**Figura 2** – Capa e contracapa do conto *Cinderela*, publicado pela editora Brasileitura (SP), na segunda coleção, sem data



**Fonte:** Acervo da escola.

O livro tem oito páginas e traz apenas os contos que possuem princesas. Escrito em letra imprensa e em caixa alta, o texto apresenta as falas das personagens, não somente a do narrador. No entanto, esse exemplar ainda relata os fatos de forma aligeirada e sem muitos detalhes. As ilustrações do interior do livro são exatamente as mesmas do exemplar anteriormente apresentado, somente a capa e o texto foram modificados.

A terceira coleção analisada está em ótimo estado de conservação, além disso, é feita de um material mais resistente, publicada em 1ª edição no ano 2011, pela editora Ciranda Cultural (SP).

**Figura 3** – Capa e contracapa do conto *Cinderela*, publicado pela editora Ciranda Cultural (SP), 2011



**Fonte:** Acervo da escola.

O livro possui dez páginas, foi escrito em letra imprensa caixa alta, com linguagem de fácil entendimento e possui um bom enredo. Relata de forma mais compassada os fatos que ocorreram com a personagem Cinderela, no entanto, não há falas dos personagens, somente a do narrador. Além disso, na última página do livro, existe uma espécie de moral da história, com a seguinte frase: "Nunca podemos desistir dos nossos sonhos, devemos sempre cultivar a esperança."

O que mais chama atenção obra é o formato, que foge ao convencional, pois acompanha o desenho da capa. Outro detalhe que prende a atenção do leitor são as ilustrações, pois apresentam cores mais vivas, com brilhos, que dão um efeito diferenciado na imagem.

A quarta coleção encontrada teve a 5ª edição publicada em 2015, pertence à editora Bom Bom Books e impresso na China. O livro foi traduzido por Aiko Mine e Lucas Zambelli, teve como ilustrador B. Jain Publishers. Essa obra apresenta uma linguagem mais rebuscada, com um aspecto formal, além de exibir a fala das personagens, não só a do narrador, compondo uma história mais longa, portanto, detalhada, com 16 páginas.

**Figura 4** – Capa e contracapa do conto *Cinderela*, publicado pela editora Bom Bom Books (SP), 2015



**Fonte:** Acervo da escola.

Um diferencial dessa coleção é que cada história vem acompanhada de um CD, com a história narrada e oito cantigas relacionadas. Além disso, o livro é maior que o convencional e, desta forma, acaba atraindo a atenção do leitor. As ilustrações são ricas em cores vivas e retratam muito bem o contexto que exhibe.

Além desses títulos, buscamos por contos clássicos enviados à escola pelo PNBE, mas não os localizamos. Essas coleções foram adquiridas por verbas municipais, que integraram outros programas de licitação e, também, pela doação de pais e professores, como é o caso das duas primeiras coleções de livros apresentadas neste artigo, cujos livros podem ser adquiridos em lojas do tipo "R\$1,99", no Brasil.

Analisando o acervo, localizamos algumas releituras baseadas nos Clássicos<sup>8</sup>, dentre elas, destacamos a história *Chapeuzinho Amarelo*, de Chico Buarque (2006).

**Figura 5** – Capa do conto *Chapeuzinho Amarelo*, de Chico Buarque, publicado pela editora José Olympio (RJ), 2006



**Fonte:** <https://pt.slideshare.net/nadiechristina/chapeuzinho-amarelo>

A história relata os medos de uma menina conhecida como "Chapeuzinho amarelo" de uma forma muito divertida. De acordo com a obra, a menina tem "medo de tudo", mas o que ela mais

<sup>8</sup> Localizamos oito releituras no acervo da escola, sendo elas: *Chapeuzinho Redondo*, de Geoffroy de Pennart (2012), *Chapeuzinho vermelho: uma aventura borbulhante*, de Lynn Roberts e David Roberts (2009), *Chapeuzinhos coloridos* de José Roberto Torero e Marcus Aurelius Pimenta (2010), *João cabeça de feijão*, de Dario Uzam e Tatiana Paiva (2010), *Alice no país da poesia*, de Elias José e Taisa Borges (2009), *Chapeuzinho vermelho: a verdadeira história*, de A R Almodovar e Marc Taeger (2009), *Os oito pares de Sapato de Cinderela*, de Jose Roberto Torero e Marcus Aurelius Pimenta (2012), e *Chapeuzinho Amarelo*, de Chico Buarque (2006).

teme é o famoso Lobo. Entretanto, no dia em que se vê frente a frente com o Lobo, ela percebe que ele não é tão assustador como imaginava, e a situação acaba virando piada, pois a personagem começa a brincar com a palavra "Lobo", fazendo-a virar "Bolo", da mesma forma que faz com todas as coisas que lhe trazia medo, por exemplo: "barata", que vira "tarabá", "bruxa" que vira "xabru". Assim, por meio do humor e da brincadeira com a linguagem, a personagem vence todos os medos.

O livro foi muito bem ilustrado por Ziraldo Alves Pinto, grande escritor e ilustrador brasileiro. O enredo apresenta um texto de fácil entendimento, e o emprego de rimas deixam a história ainda mais engraçada. Possui cerca de 16 páginas e foi publicado pela editora José Olympio (RJ), no ano de 2006. Esse livro foi escolhido pelo PNBE, tornando-o parte do acervo literário das escolas de todo o Brasil.

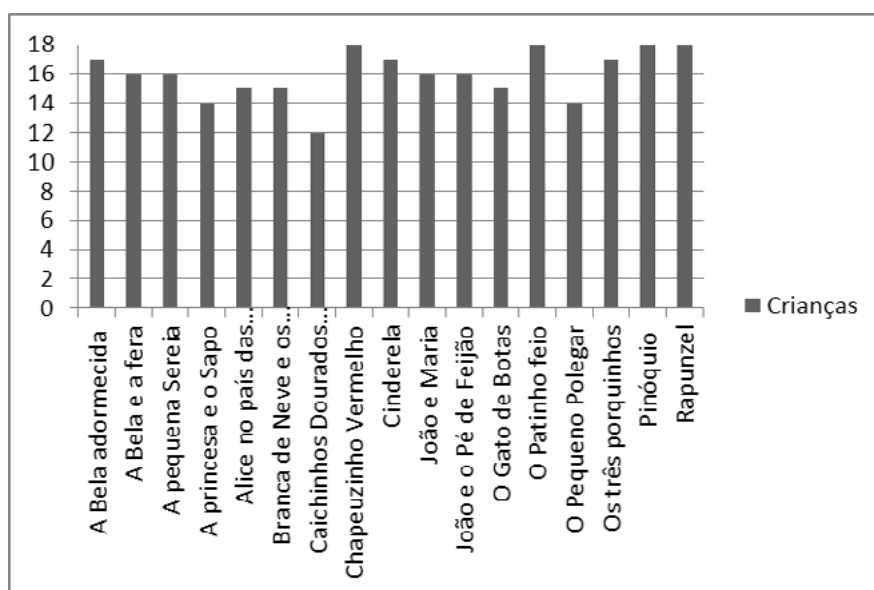
Conforme mencionamos, além desse livro, a escola dispõe de outras oito releituras dos contos clássicos, ofertadas pelo PNBE, bem como de novas histórias que tentam contribuir com a formação, imaginação e desenvolvimento das crianças. Devido aos limites deste texto, não apresentaremos essas obras.

A fim de compreender a recepção desses contos por parte dos alunos, apresentamos, a seguir, o resultado da análise do questionário sobre a leitura dos contos clássicos da literatura universal.

## 7. A relação entre os contos clássicos e os alunos do 3º ano do Ensino Fundamental: indícios sobre a permanência e circulação desse gênero textual

Após conhecermos o acervo da escola em relação aos contos clássicos, elaboramos uma lista com 17 títulos de contos e buscamos saber dos alunos quais das obras eram mais conhecidas. A primeira pergunta foi: "Você conhece algum conto de fada? Se sim, qual(is)?" De acordo com os resultados obtidos, os contos mais conhecidos foram: *Chapeuzinho Vermelho*, *O patinho feio*, *Pinóquio* e *Rapunzel*, pois todas as crianças (18) disseram conhecê-los. Já o menos conhecido pelas crianças foi *Cachinhos dourados e os três ursos*, pois somente 12 crianças relataram conhecer essa história. No Gráfico 1, apresentamos a relação dos títulos indicados e a quantidade de alunos.

**Gráfico 1** – Contos de fadas que as crianças conhecem



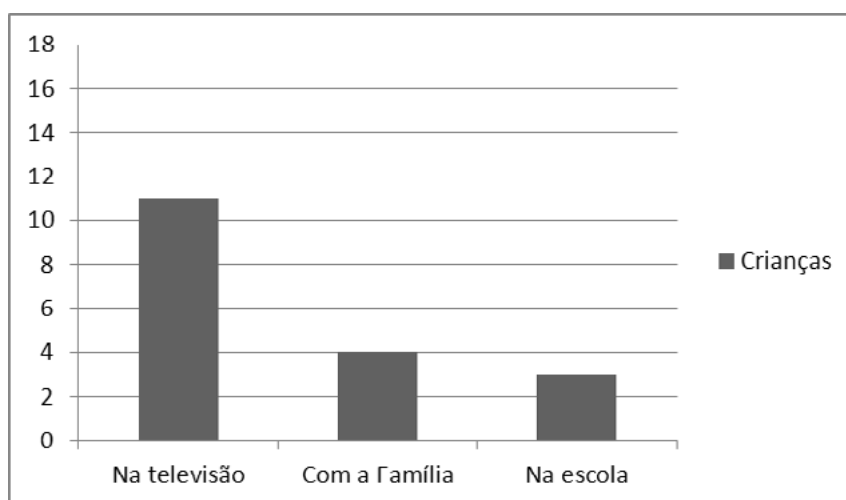
Fonte: elaborado pelas autoras, 2018.

Com base no Gráfico 1, é possível identificar que todas as crianças conheciam pelo menos 12 contos de fadas. Ou seja, essas histórias ainda são conhecidas pelos mais jovens. Também buscamos saber onde e como os estudantes conheceram tais livros e, a partir das respostas obtidas, notamos que 11 crianças conheceram os contos por meio da televisão, assim, a maior

parte delas conheceu os contos em formato de filme. Isso mostra que os livros não têm sido tão procurados por, e que o acesso à televisão é maior do que ao formato em papel.

No Gráfico 2, apresentamos o total de alunos e a forma como conheceram esses contos, se na televisão, em casa, por incentivo da família ou no acervo de livros da escola.

**Gráfico 2** – Onde e como conheceram os contos



**Fonte:** Elaborado pelas autoras, 2018.

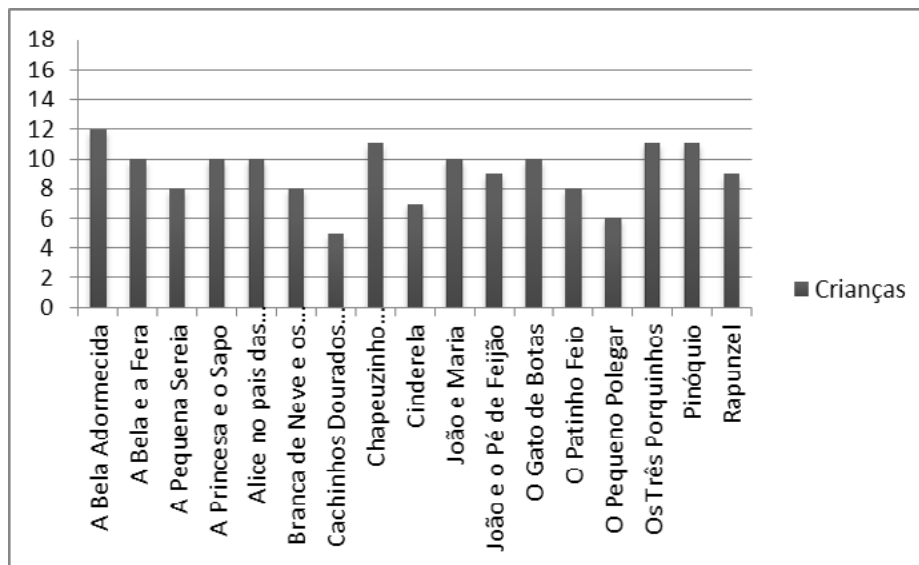
O mais surpreendente é que apenas três crianças apontaram ter conhecido os contos no acervo da escola. Outro dado que merece destaque é que quatro estudantes relataram ter ouvido a família contar a história em casa. Com isso, é possível concluir que esses jovens tiveram mais incentivo, em relação à leitura dos contos, em casa do que na escola.

De acordo com Pereira, Frazão e Santos (2012) os pais têm um papel fundamental na tarefa de incentivo à leitura. Porém, os autores afirmam que a maioria das famílias não dedica tempo a essa prática, até porque passam pouco tempo como os filhos, devido aos compromissos profissionais, e acabam atribuindo toda a responsabilidade de educar à escola.

Vale ressaltar que o gráfico é uma representatividade somente de contos de fadas, sendo assim, não podemos afirmar que as crianças não têm acesso à leitura de forma geral na escola, mas é possível afirmar que os alunos, nesta pesquisa, demonstram ter mais contato com contos em casa do que na escola.

Também, procuramos saber quais contos já haviam lido sozinhos. As respostas apontaram que o mais lido pelas crianças foi *A Bela Adormecida*, lido por 12 crianças. O livro menos menos acessado se confirmou em relação à pergunta anterior, foi *Cachinhos dourados e os três ursos*, lido por apenas cinco crianças, conforme apresenta o Gráfico 3.

**Gráfico 3** – Histórias que as crianças leram sozinhas

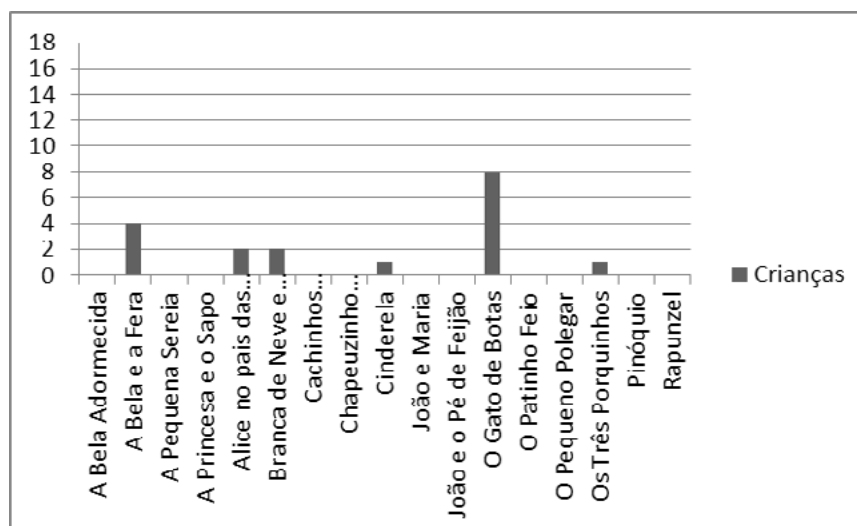


**Fonte:** Elaborado pelas autoras, 2018.

Perguntamos sobre os contos de fada que os participantes mais gostavam e por quê. O livro *O Gato de botas* foi mais vezes mencionado, com oito indicações no questionário, gerando um percentual de 44% dos entrevistados. No momento da aplicação do questionário, perguntamos so-

bre os motivos e percebemos que as crianças escolheram a obra por conta do filme<sup>9</sup>, não pelo fato de terem lido ou ouvido a história sendo contada por alguém. No Gráfico 4, apresentamos as histórias preferidas dos alunos.

**Gráfico 4** – Histórias preferidas das crianças



**Fonte:** Elaborado pelas autoras, 2018.

<sup>9</sup> O filme *Gato de botas* foi lançado em 2011 nos EUA, atingiu o 1º lugar em vendas na estreia no Canadá. A animação foi vista em 3D e é derivada da série *blockbuster "Shrek"*. Informação disponível em: <http://www.ospaparazzi.com.br/celebridades/gato-de-botas-lidera-bilheteria-nos-estados-unidos-5915.html>. Acesso em: 03 out. 2018.



Outra história que a pesquisa apontou como preferida dos alunos foi *A Bela e a Fera*, escolhida por quatro crianças, ou seja 22% das apontaram como favorita. A relação dessa história com a obra cinematográfica também se repetiu, pois uma aluna deixou claro que ficou atraída pelo filme que remetia à história: "A Bela e a Fera. Porque a Bela usa um vestido bem amarelo, dança com a Fera. E é de aventura. Amo esse filme". Outros contos apontados como preferidos foram *Alice no país das Maravilhas*, *Branca de Neve e os Sete anões*, *Cinderela* e *Os três Porquinhos*.

Com base nos questionários e a análise dos títulos de contos presentes na escola, verifica-se que os clássicos estão vivos no meio escolar e, por mais que sejam histórias consideradas "antigas", as editoras têm buscado inovar, seja nas imagens, na linguagem e/ou no formato de impressão. Porém, os filmes são, aparentemente, muito mais atrativos aos olhos das crianças do que os livros. Por esse motivo, os contos clássicos e a própria literatura infantil acabam perdendo espaço para outros tipos de entretenimento. De outro ponto de vista, os filmes evidenciam o lugar de destaque dessas obras e contribuem, de certa forma, para serem perpetuadas entre as novas gerações.

Com a expansão da tecnologia, as crianças tendem a ficar cada vez mais tempo em frente à televisão do que explorando um livro. Não há como competir com o filme, no sentido do estímulo visual, pois o formato em papel traz imagens breves que, ainda assim, precisam ser interpretadas pelo leitor. A obra cinematográfica, ao contrário, traz imagens e cenas prontas, não sendo necessário a pessoa criar situações abstratas na imaginação para compreender a história. Isso acaba tornando o cinema um entretenimento mais atrativo e fácil de ser consumido do que os livros.

### Considerações finais

Falar sobre contos de fadas é sempre uma experiência nova e encantadora. Histórias que perduraram por tantos anos não podem ser apagadas tão facilmente. Assim são os contos de fadas, por mais antigos que sejam, permanecem sendo conhecidos e nunca perdem o encanto.

Os resultados da pesquisa indicam que os clássicos não perderam espaço na atualidade e continuam sendo histórias muito conhecidas e transmitidas de geração em geração. Além disso, vêm sendo aprimoradas, ganhando dimensões mais próximas do público alvo, no caso, a crianças. Na contemporaneidade, o sentido da infância também vem se aprimorando, portanto, os livros e histórias caminham em uma perspectiva mais inclusiva, a fim de fazer com que mais e mais leitores se identifiquem e se encantem com as histórias.

Uma grande surpresa obtida por meio dos dados foi notar que os filmes têm marcado mais a vida da criança do que o próprio livro, no que se refere aos contos de fadas. O que nos faz pensar que a tecnologia tem avançado em todos os aspectos, inclusive no mundo literário. É possível afirmar que, a partir do PNBE (1997), a literatura infantil tem chegado ao aluno com mais facilidade e qualidade, já que os livros selecionados precisam atender critérios que implicam em qualidade. Dessa forma, o programa tem apostado em releituras dos clássicos por meio de autores mais atuais.

Quanto aos contos clássicos, ainda estão vivos entre os pequenos leitores, mas têm perdido espaço nas bibliotecas, já que os livros do PNBE encontrados são apenas releituras dessas obras, que visam mostrar valores da contemporaneidade e formar um outro tipo de criança.

Outro dado surpreendente foi que o contato dos jovens com essas obras ocorre muito mais na família do que na escola, seja por via dos filmes ou dos livros que os adultos leem para eles, adquiridos, em maioria, nas lojas de "R\$1,99". Com isso, percebemos que os contos clássicos ainda permeiam o acervo cultural das famílias e que, na intimidade da casa, essa leitura tem sido perpetuada. Na escola, os professores organizam o trabalho em torno da leitura, usufruindo do novo acervo disponibilizado pelo PNBE.

Como já relatado o intuito deste artigo não foi o de defender os contos de fada, mas compreender a relação entre o passado e o presente desse gênero que representa a origem da literatura para crianças e que por gerações tem atendido

às necessidades do leitor de “[...] povoar a imaginação, estimular a curiosidade, divertir e por último, sem imposições, educar e instruir”. (PAIVA; OLIVEIRA, 2010, p. 28).

Entre as perspectivas futuras para o prosseguimento desta pesquisa, encontra-se um estudo comparativo em relação à rede privada de ensino; a análise das práticas de leitura realizadas nas instituições selecionadas para o estudo; e o acompanhamento das turmas em outros níveis de escolarização, com o objetivo de verificar o perfil de leitores que vêm se constituindo na região sul de Mato Grosso do Sul.

## Referências

- ALVES, Aletéia Eleutério; ESPÍNDOLA, Ana Lucia; MASSUIA, Carolina Sanchez. Oralidade, Fantasia e Infância: há lugar para os contos de fadas na escola? In: SOUZA, Renata Junqueira; FEBA, Berta Lúcia Tagliari. **Leitura Literária na Escola: Reflexão e proposta na perspectiva do letramento**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2011, p. 97-121.
- BETTELHEIM, Bruno. **A psicanálise dos contos de fadas**. Tradução de Arlene Caetano. 21. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2007.
- BRASIL. **Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE): leitura e bibliotecas nas escolas públicas**. Brasília: Ministério da Educação, 1997.
- BURLAMAQUE, Fabiane Verardi; ROSING, Tania M. Kucbecker. A releitura de Contos de Fadas: Processo (trans)formador na primeira infância. In: GIROTTO, Cyntia Graziella Guizelim Simões; SOUZA, Renata Junqueira de (Orgs). **Literatura e educação infantil: livros, imagens e prática de leitura**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2016, p. 167-191.
- COELHO, Nelly Novaes. **O conto de fadas: símbolos, mitos, arquétipos**. São Paulo: Paulinas, 2009.
- CORRÊA, Elisa Cristina Delfini; OLIVEIRA, Karina Costa de; BOURSCHIED, Laura da Rosa; SILVA, Lucélia Naside da. Bibliotecário escolar: um educador? **Revista ACB**, Santa Catarina, v.7, n.1, 2002. Disponível em: <https://revista.acb.org.br/racb/article/view/379/458>
- FERNANDES, Célia Regina Delácio e CORDEIRO, Maisa Barbosa Da Silva. Os critérios de avaliação e seleção do PNBE: Um estudo diacrônico. **Educação**, v. 35, n. 3, 2012. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/faced/article/view/11749>
- FONSECA, João José Saraiva. **Metodologia da Pesquisa Científica**. Fortaleza: UEC, 2002.
- FRANTZ, Maria Helena Zancan. **O ensino da literatura nas séries iniciais**. 3ª Ed. Ijuí, RS: Ed. UNIJUI, 2001.
- GERHARDT, Tatiana Engel; SOUZA, Aline Corrêa. **Métodos de pesquisa: Aspectos Teóricos e Conceituais**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.
- GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo (Orgs). **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: UFRGS, 2009.
- GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4ª Ed. São Paulo: Atlas, 2002.
- GIROTTO, Cyntia Graziella G. Simões; SOUZA, Renata Junqueira de. **Literatura e educação infantil**. Campinas, SP: Editora Mercado de Letras, 2016.
- HILLESHEIM, Betina; GUARESCHI, Neuza Maria de Fátima. Contos de fadas e infância(s). **Educação & realidade**, Porto Alegre, v. 31, n. 1, p. 107-126, 2006. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/educacaoe realidade/article/view/22976>
- LAJOLO, Marisa. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. 6ª Ed. São Paulo: Editora Ática, 2008.
- LAJOLO, Marisa; ZIBERMAN, Regina. **Literatura Infantil Brasileira: História e histórias**. São Paulo: Ática, 1984.
- \_\_\_\_\_. Na República Velha, a formação de um gênero novo. In: LAJOLO, Marisa; ZIBERMAN, Regina. **Literatura Infantil Brasileira: História e histórias**. São Paulo: Ática, 1984, p. 23-41.
- \_\_\_\_\_. De braços dados com a modernização. In: LAJOLO, Marisa; ZIBERMAN, Regina. **Literatura Infantil Brasileira: História e histórias**. São Paulo: Ática, 1984, p. 45-61.
- PAIVA, Aparecida; et al. **Literatura: saberes em movimento**. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.
- PAIVA, Sílvia Cristina Fernandes; OLIVEIRA, Ana Arlinda. A literatura infantil no processo de formação do leitor. **Cadernos da Pedagogia**, São Carlos, v. 4, n. 7, p. 22-36, 2010. Disponível em: <http://www.cadernosdapedagogia.ufscar.br/index.php/cp/article/viewFile/175/101>
- PEREIRA, Elana de Jesus; FRAZÃO, Gabrielle Carvalho; SANTOS, Luciana Castro. Leitura Infantil: O valor da leitura para formação de futuros leitores. **Múltiplos olhares em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 3, n. 2, p. 1-15, 2013.
- SANTOS, Viviane Silva dos. **Os contos de fada no processo de formação do sujeito**. 2012, 48f. Monografia (Especialização em Métodos e Técnicas de Ensino) – Universidade Tecnológica Federal do Paraná Medianeira, 2012.
- SCHARF, ROSETENAIR FEIJÓ. **A escola e a leitura: práticas pedagógicas da leitura e produção textual**. 2000. 205 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade do Sul de Santa Catarina, Tubarão, 2000. Disponível em: [http://gephisnop.weebly.com/uploads/2/3/9/6/23969914/a\\_escola\\_e\\_a\\_leitura.pdf](http://gephisnop.weebly.com/uploads/2/3/9/6/23969914/a_escola_e_a_leitura.pdf)
- SOARES, Magda. A escolarização da literatura infantil e juvenil. In: EVANGELISTA, Aracy Alves Martins; BRANDÃO, Heliana Maria Brina; MACHADO, Maria Zélia Versiani. (Orgs). **Escolarização da leitura literária**. 2ª Ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

SOUZA, Bruna Cardoso Brasil de. **Charles Perrault e os contos da Mamãe Gansa**. 2014. 42f. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso em Letras) – Faculdade de Ciências e Letras da UNESP, Araraquara, SP, 2014.

REIS, Simone de Campos. **O que são contos de fadas?** Recife: Editora UFPE, 2014, 144 p.

SOUZA, Renata Junqueira; FEBA, Berta Lúcia Tagliari. **Leitura Literária na Escola: Reflexão e proposta na perspectiva do letramento**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2011.

---

### **Daiana da Rocha Reis**

Possui graduação em Pedagogia pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), Campus de Naviraí. Atua como professora da educação básica da rede de ensino, GEO Naviraí. Integrante do Grupo de Estudos e Pesquisas em Prática Educativa e Tecnologia Educacional (GEPPETE).

---

### **Vivianny Bessão de Assis**

Doutorado em Educação pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP), Brasil. Atualmente é professora adjunta do curso de Pedagogia da Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campus Naviraí. Líder da linha "História da Educação, Memória e Literatura Infantil" do Grupo de Estudos e Pesquisas em Práticas Educativas e Tecnologia Educacional (GEPPETE).

---

### **Endereço para correspondência**

Vivianny Bessão de Assis  
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS)  
Rodovia MS 141, Km 4  
Zona Rural, 79950000  
Naviraí, MS, Brasil

*Os textos deste artigo foram revisados pela Zeppelini Publishers e submetidos para validação do(s) autor(es) antes da publicação.*